

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Agosto de 1895.

NUM. 22

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 28(000)
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança deixamos de aceitar assignaturas para o interior e Estados por menos de um semestre. O preço é porem o mesmo da capital.

O Pão publicase duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.—Ceara.

SUMMARY.—*Os quinze dias*, Ivan & Moacyr:—Zara, Bruno Jacy:—*Symphonia de abertura*, Sabino Baptista:—*Ikna*, Guilmar, Raul de Azevedo:—*Lagrmas*, Llvio Barreto:—*Album de estudos*, A. S.:—*Quadro de virgem*, Guilherme e Miranda:—*Marmores*, Anatolio Gervai:—*Mãe e filho*, José Carvalho:—*A Normalista*, Rodolpho Theophilo:—*O Passado*, Lopes Filho:—*Bibliographia*, B. J.:—*A...* Antonio de Castro:—*Padaria Espiritual*, Raymundo Corrêa:—*Imprensa Litteraria S. B.*:—*Carteira*

Os quinze dias

Desgosto de Agosto e dos ventos que n'elle reinam varrendo o céu de neblinas e a Terra das verdes tintas da folhagem. Por mais que o inverno se prolongue, como o d'este anno, presente-se n'este mez um desmalo na Natureza, com o cahir das folhas que amarellecem.

Pelos campos passa um longo e ardente arrepio de caustico, e as herbeas inclinam para o chão seus caules em febril desalento.

E o chronista, que está sujeito a influencia da variação dos tempos, sente nos nervos a revelação que a mudança de estação opera entre as coisas inanimadas, e como as hervinhas, enfraquece e enfanguessa-se ao sentir as primeiras vibrações do estio.

A influencia climatologica a que todos

estamos sujeitos varia, entretanto, de individuo a individuo, de temperamento a temperamento.

No reino vegetal mesmo, e por esse tempo que o cajueiro, o joazeiro, a canafistula e outros vegetaes se enfloram, adquirindo tons verde-escuros que contrastam violentamente, sortões a vista, com a fulgim parda—escura da matta nua e aquietica.

E quem sabe se a cajaseira que en defronto da janela do meu quarto e que despiu suas folhagens verdes com as primeiras erupções dos ventos, nao terá o mesmo temperamento d'aquelles que, como eu, enfraquecem ao sentir as primeiras vibrações do estio?

Em mim isto, bem o conheço, é uma manifestação morbida, é a revolução da minha psychiatria, todo o ruído, cansaço e tontura de cerebro que procura estreitar o horizonte de sua visualidade.

D'antes, annos decorridos a.r.a., eu era como o joazeiro.

Hoje, de Agosto, desgosto até do luar amplo, morno que a Fortaleza angusta e enamorada passeia e descanta pelas avenidas e travessas.

Perdi o meu trabalho!

Justamente na occasião em que eu arredondava o período desabou forte aguaceiro e d'ahi para cá chove sempre!

Os leitores que me desculpam e acreditam que as impressões recolhidas foram verdadeiras e fiquem certos que se eu tivesse uma revelação do que ia acontecer, em vez de tempo me occuparia do Moya, dos pães pequenos e da falta de peixe.

Mas esses são assumptos tão batidos pela imprensa diaria, que ninguém lhes pode mais tirar uma nota inedita.

Um assumpto capaz e, por exemplo, o 1.º anniversario da Academia Cearense, a illustre associação que se vai occupando com acento das sciencias e da nossa historia, em quanto nos outros da Padaria nos occupamos das bellas letras.

Milheiros houve que a primeira descobrimento rivalidade entre as duas associações, quando ellas cultivam campos diversos e contemplam com sympathia e louvor os esforços que cada qual faz para elevar bem alto o nome d'este querido Ceará—do Sítio Grande, como lhe chamavam os antigos.

No seu primeiro anno de existencia já deu a Academia brilhantes provas de sua vitalidade e da capacidade de seus consocios,

entre os quaes se contam nomes vantajosamente conhecidos.

Associamos-nos de todo coração á festa natalicia da Academia, da qual a nossa terra espera a mais farta messe de triumphos nos dominios da intelligencia.

Que a Academia nos felicite logo com a publicação da sua promettida *Revista* affirmo que todo o paiz conheça dos seus esforços e lhe dispense os applausos de que é digno.

Viva a Academia Cearense!

IVAN & MOACYR.

Zara

Um dos mais preciosos volumes que hoje enriquecem a bibliotheca da «Padaria Espiritual» é indubitavelmente a edição polyglotta do *Zara*.

Ja teve a illuza revista occasião de fallar desta obra, mas nem por isso ainda se torna omissa tratar della.

O livro a que nos referimos não contém mais do que as duas incomparaveis quadras compostas em 1880 por Antonio do Quental para ser inscriptas no tumulo da mãezinha de Joaquim de Araújo, cujo nome perpetuaram no marfim e ainda melhor no livro, segundo-se a composição original 76 traduções em 17 idiomas e dialectos, devidas a 62 traductores diferentes, entre os quaes figuram nomes vantajosamente conhecidos nas respectivas litteraturas, alguns de reputação europia.

Foi essa primorosa e bella colluda e coordenada por Joaquim de Araújo com o concurso de eminentes philologos e publicada por um digno amigo dos dois poetas, Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, a expensas suas, em rica edição de 200 exemplares, a quem consentindo o illustre editor que um só d'ellez fosse posto a venda, pulando com delicadissimo sentimento que a mercancia de um exemplar ahesquinharia o valor da nobre homenagem que prestava aos dois eminentes poetas.

Eis o original:

ZARA

A Joaquim de Araújo

Polla de quem passou, por entre a neblina
Ras palcos da existencia tumultuosa
Inconsciente com a passa a rosa
E leve como a sombra sobre a agua

Era-te a vida um sonho: indefinido
E tenues nias suave e transparente.
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido

Lisboa 16 de janeiro de 1884

ANTHERO DE QUENTAL

Das traducções rumena, polaca, bo-
hemia, russa, slovena, slovac, croata,
albana, daco-saxonia, breta, daco-
cigana, irlandeza, hebraica, arabe,
finlandeza, hungara e basca... infeli-
zmente nada podemos dizer, e temos
pena. Entre os membros effectivos
da Padaria não se achou quem per-
cebesse cousa alguma desses idiomas.
E' uma vergonha, mas é verdade.

Das que podemos entender ou achá-
mos quem nos lesse e explicasse, pa-
recem-nos mais felizes e fieis as fran-
cezas de Alice Moderno, Toumazo
Cannizzaro, Achille Milien, Maxime
Fromont e Th. de Puymaigre, as ita-
lianas de G. Cellini e Prospero Po-
vagallo, as inglezas de E. Prestage e
Helen S. Conant, as tres allemãs, es-
pecialmente a de Wilhelm Storck, as
hespanholas de Francisco Sellen,
Ricardo Palma e Nunez de Arce, e a
dinamarqueza de A. Richter.

Si das castelhanas citamos em ulti-
mo lugar a que vem firmada por no-
me mais illustre, é que, alem de re-
duzir as rimas tão ricas da composi-
ção portugueza a rima toante quasi imper-
ceptivel para ouvidos não hespanhoes,
termina com uma apostrophe interin-
amente extranha ao original e de fra-
quissimo effeito—Desenganá... Na-
quella delicadeza aerea, leve, no meio
d'aquelle bouquet de idéas tenues, de
phrases vaporosas, de formas inma-
teriaes que pairam sobre as quadras
de Anthero não existe absolutamente,
idéa de fadiga ou trabalho que pos-
sa suggerir a de descanço. Assim
tambem na italiana, alias excellente
de Cannizzaro, as idéas de *fogo or-
dente* e de *frescura da rosa* são ex-
tranhas ao original e destoam do tom
geral dos versos.

O mesmo occorre observar em qua-
si todas as outras que não salienta-
mos, embora nenhuma se possa con-
siderar defeituosa.

A allemã de J. Steiner é de grande
fidelidade, mas em ser fiel perdeu,
passando para lingua tão diversa, a
concisão do original, vindo-se o tra-
ductor obrigado a usar versos muitos
mais longos que os portuguezes.

Entre as numerosas versões dial-
ectaes, mais ou menos accessiveis a
nossa comprehensão, ha tambem al-
gumas felicissimas.

Pedimos venia para transcrever a
tradução gallega de M. Curros y
Enriques, ja por ser uma das mais
felizes ja por ser accessivel a todos
os nossos leitores:

Ótoso quem pasou por entr'a magoa
E as pasions d'a existencia tormentosa,
Depor-tado como pasa a rosa
E leve como a sombra sobr'a agoa.

Era tua vida am sono, indefinido
E tenues, pero doce o transparen'e
Acordache... sorristhe... e vagamente
O sono continuache interrompido.

Madrid.

M. Curros y Enriques

A «Padaria» teve a felicidade de
ser distinguida com um exemplar (n.
n.º 33) cujo valor se augmenta com
a lisongeira e affectuosa dedicatória
nelle tracada pelo illustre poeta a
quem as bellissimas quadras foram
dedicadas.

Tem assim adquirido um valor ines-
timavel o livrinho que com avarento
cuidado guardamos no lugar de hon-
ra em nossa bibliotheca, vigiando
sempre desconfiados, mas nos outros
o olhar de cobiza que cada um lhe
volve.

Agosto—95.

HUGO JACY.

Symphonia de abertura

A vida é um turvo oceano
ora tranquillo e ora insano:

Se um roseo sonho floresce,
uma vaga se intumescce.

mas se uma illusão se apaga,
desfaz o tempo uma vaga;

Se a alma nutre uma esperanza,
ha sempre calma e bonança,

mas se a desercença invade a alma
não ha bonança e nem calma;

Se o coração pulsa, amando,
ella é um mar sereno e brando,

Se o coração de odio pulsa,
ella é indomita e convulsa...

E assim, entre o riso e a magoa,
vamos neste mar de abrolhos:
ora — os olhos cheios d'agua —
e ora — com o riso nos olhos !...

Ceará—Agosto—1895

SABINO BAPTISTA.

(Do livro — VAGAS)

Dona Guilmar

... A Esmeralda Doria,
alma de Artista, esta
pagina da vida de Do-
na Guilmar...

... Dona Guilmar está toda de branco.
Dona Guilmar vai-se baptisar.
Pequena graciossa, um anno talvez,
levam-a, caminho da igreja. Alva da
cor do seu berço estreito e da coifa
da avozinha, laços de fita, muitos la-
ços compridos e largos enchem Do-
na Guilmar. Rosto debedado e fran-
sino, uns olhos ternos e puros, a cre-
ança faz o encanto dos seus paes.

Begam-a, todos a begam. A sua boc-
ca, os seus labios de encarnate vivo,
pedem caricias e ternuras...

Vae a igreja, padrinhos paramen-
tados, finos reluzentes e novos, o
bons padrinhos, conduzem-a ao collo.

O velho padre, com a sua melho-
veste, já espera Dona Guilmar... Os
sinos bambalham, festivos e alegres.
Pois se Dona Guilmar vai-se ba-
ptisar...

Dona Guilmar está toda de branco. D.
Guilmar vai receber a primeira com-
munição. Dona Guilmar está mais
bonita com os seus quinze annos fes-
tos. Vae um pouco pallida e com-
movida, através de seu véo cor de
neve. Flores de laranjeira cercam-
lhe a cabeça alva.

Caminha, caminha para a igreja...

Parentes e amigos, moças formosas
como ella, acompanham-a. Dona Gui-
lmar tem vestido de cauda, vestido
todo de seda branca... O padre
muito serio se aborrece de esperar
a moça que vai receber a comuni-
cação... Reme, silencioso, palmas para
Dona Guilmar: «A communhão, elle ha
de dizer, é o corpo sacramentado que
se recebe na hostia consagrada, ou no
pão e vinho consagrado... União
entre os christãos, communhão com
Christo...» Isso leu ja nem sabe
onde; hade repetir repetir, porem
para Dona Guilmar... Ella tem os
olhos negros, muitos vivos e pro-
metedores... O velho padre, quan-
do vê entrar a moça bonita, manda
tocar os sinos.

Dona Guilmar vai receber a pri-
meira communhão...

Dona Guilmar está toda de branco.
Dona Guilmar vai casar. Está con-
tente e alegre, toda satisfeita e feliz.
Ella tem ao lado, pelo braço, o seu
noivo muito querido e amado.

Os seus olhos pretos brilham inten-
samente, numa fixidez cheia de vida.

O desejado ja nem pode sustentar
os olhares de Dona Guilmar... Ella
tem as faces mais rosadas, o andar
alvo dos vinte annos. Vae orgulhosa
do seu noivo... E' esbelta e deliciosa.

Os seus pés pequenos mal tocam
o lagado, roçando-o. E toda de branco,
toda de branco! Tem flores de laran-
jeira, innumeras flores alvas... O
seu véo e de seda de Hespanha, arro-
deando o vestido todo. As amiguinhas
— as deliciosas amiguinhas de Dona
Guilmar! — murmuram cousas inter-
santes e ironicas ao ouvido da noiva,
e pedem botões de laranjeira... Não
seu mesmo porque, Dona Guilmar co-
ta, entre risadas festivas.

O velho religioso inaugura umas
vestes novas em folha; hade recitar
phrases sentidas, tocantes; pois se
elle conhece e estima Dona Guilmar!

Na sua passagem todos bendizem o
casal; todos desejam-lhe felicidades.

E os sinos, na sua linguagem can-
tante, parecem dizer: Dona Guilmar
vai casar, Dona Guilmar vai casar!

... Dona Guilmar está toda de branco.
Dona Guilmar vai para o cemete-
rio. Ella tem os olhos cerrados, ser-
veta, ja toda ella muito pallida.

Está fria, faces cor de neve, brancas, muito brancas... Deitada no campo no seu bello enxião nivo, as suas companheiras combezem a chorar no baio... O enxião é muito rico: sãda e enfeites de ouro e prata. As aleas são as mais bellas que tem apparecido.

Coitadas das amigas de Dona Guilmar que vão talas contrictas, coitadas do marido da moça morta aos vinte e um annos em flor, coitada de Dona Guilmar?...

Porque a m'ga bonita murren, e os sinos, chorosos, dobram a flindos. Na rua, caminhar es passam commovidos, ouvindo-se aqui e ali o funeral desolador... Miserere eterno e sentidissimo! To las do preto, choram: o enxião vão cheio de flores e corôas. O velho padre salha também: elle conhecia Dona Guilmar e a estimava muito... Mas ninguém, ninguém mesmo, extranha que Dona Guilmar, ao ir-se enterrar, toda de branco, não leve mais flores de laranjeira...

Pará—1895

RAUL DE AZEVEDO

LAGRIMAS

Lagrmas tristes, lagrimas doridas,
Podeis rolar desconsoladamente!
Vinde da ruína dolorosa e ardente
Das minhas torres de luar vestidas.

Orphãs tromentos, orphãs desvalidas,
Não tenho um soio carinhoso e quente.
—Frouxel do ninho, calix rescedente
Onde abrigar-vos, perola sentidas.

Vinde da noite, vinde da amargura,
Desabrochastes sobre a dura fragoa
Do coração, ao sol da desventura!

Vinde de um seio, vinde de uma magoa
E não achastes uma urna pura
Para abrigar-vos, frias gottas d'agua!

SE

(Das Dolentes)

LAVIO BARRETO

ALBUM DE ESTUDOS

II

NO TREM

Eva-mou-se de prompto o salão de espera.

Ao entrar no carro, quasi nada distinguí a principio.

—Olha um lugar aqui! bradou-me uma voz amiga.

Sentei-me.

Fôra, ao longo do passeio de naphalto, a multidão fervilhava sussurrante, indo e vindo asafandada. Havia porém grupos quados diante de portinholas, senhoras que vieram acompanhar amigas e que aproveitavam os ultimos momentos explorando ainda os inesgotaveis assumptos das confabulações femininas.

O chiado largo e perenne da machina, deixando escapar as demasias da

pressão, servia de fundo sonoro ás notas agudas que se cruzavam no ar.

Retinha forte a sineta, entravam novos passageiros, a machina ensatou um guineão. Um longo estremeção percorreu o trem de um extremo ao outro. Sob meus pés rangiam respiradamente correntes que se desliziham.

Novo retinido da sineta, um grande barro da machina, e o trem começou a se arrastar sob a grande nave da gare ainda um tanto sombria aquella hora matutina.

O meu carro transpoz a arcada do portão, e a luz envolveu-o de subito, crechando-o vivamente por todas as aberturas.

O visinho de defronte deslizo seu jornal, e do lado esquerdo a cabeça pela portinhola, e eu puz-me a contemplar os companheiros de carro.

Tudo gente velha ou feta, a excepção de uma creança muito toska e loura, a reumir saúde d'entre as roupinhas brancas entetadas de rendas finas e fitas de azul claro, e uma moçota morena, de olhos rasgados e pestanudos, confida de um enapão de plumas crespas, na elegancia barata de seu gracioso vestido de cassa creme salpicada de rosco.

Da plataforma, olhando para dentro, um rapaz tentava de balde fugar-lhe o olhar que dolejava por tudo sem fixar coisa alguma.

Um velho de cara motena e rapada, tossia forte a passagem do ar matutinal pela sua mucosa de asthmático.

Palestrava-se de banco a banco. Um fazendeiro dissertava sobre a safra do café. Uma velha contava os incidentes da molestia de uma filha.

E o trem rolava velozmente agora com uma forte trepidação de eixos gastos e o tã-tã-tã característico da subida das rampas.

Estava-se em pleno campo. Taboleiros de areia branca, povoados pobremente de montas rasteiras, zomus de barro vermelho e quasi estéril, capoeiras de sabias e marmelleiros vicentes, grandes baixas de capim luxuriantes, tudo nos passava ao lado no movimento illusorio que lhe emprestava a muralha do trem.

Um longo silvo, attritos de ferros, casinhas a surgirem aqui e ali.

O comboio, diminuindo gradualmente de velocidade, parou final.

Risonho e luminoso aquelle logarinho na sua paz e frescura matutina. A entrada do trem com seu cortejo de estrepitos brutos, tinha alguma coisa de insolita... Vozes claras de meninos apregoavam leite, café, tapocas... Trocavam-se saudações... Apovam-se passageiros a carregar embrulhos, cestas e maletas...

Recomeçou-se a muralha. Ficara ali a moça morena. E o rapaz da plataforma veio sentar-se silencioso e triste no lugar que ella occupara, puxando d'ali a pouca da carteira.

Empunhando o lapis escreveu qualquer coisa, levantou a cabeça, olhou vagamente para fora, torceu o bigode, tornou a escrever...

E continuou n'estas manobras, enquanto eu dizia en para mim:

—Não faz duvida, temos versos! Ella não quiz olhar-o, não lhe disse até logo, não se voltou ao deveser—é

o mais que sufficiente para um namorado que se pressa atrair-se soluçante aos braços da Poesia e pedir-lhe expressões de desespero, imagina a que compare olhos migrados e fouteiros, palavras em auto para rimar com-pranto.

E disserem que a poesia tende a desaparecer! Não creiam tal, senhores criticos.

Este meu visinho está perferamente convencido de que é nem mais nem menos do que um desgraçado, e é d'estas convicções que nasce todo o lacrymatorio rimado do eterno e immortal lyrisimo.

La eu assim pensando, de olhos semi-cerrados, quando a um solavanco do carro endireitei-me e... e vejo o meu poeta a resumir placidamente de encontro a portinhola...

Tudo o resto da viagem foi para mim de tristes apprehensões sobre o futuro da Poesia.

—Julho 95.

A. S.

Quadro selvagem

Eis-nos, formosa, a caminhar sosinhos, sob a cúpula verde da floresta: nos velhos ramos desabrocham ninhos e a alegria do azul se manifesta.

Aqui porto desliza, em curvas lentas á sombra da folhagem fresca erguida, o manso igarapé de aguas barrentas: onde passáras, satisfeita, a vida.

Em torno d'estas arvores tranquilas que a leve brisa, perpassando, agita palram do sol as tremulas scintillas e enroscas-se a cheirosa parasita.

A parda jurity suspira ao longe, na curvatura do caninho extremo. Uma nuvem, no céu, parece um monge, de um mystico no extase supremo.

Que perfume suave aqui se exhala! Que limpida alegria, aqui se entorna! A natureza inteira veste gala n'uma serena paz lúida e morna.

A baunilha rescende o doce aroma e graciosa enroscas, em volteios gentis, a verde coma n'uns pobres troncos de existencia toska.

Do lépida cotia aqui perdura o pouso assignalado, mas se ergueres teus olhos de luz pura, verás o arroio que serpeia ao lado.

Sobre cascalhos lípidos, pequenos, correm as aguas n'um murmúrio brande e no seu dorso claro vão, serenos, os nenuphars tímidos boiando.

Por entre estas bellezas deslumbrantes, dá-me teu braço e vamos! Como velhos amantes das arvores roubar os verdes ramos onde os ninhos se agitam tremulantes.

Vamos! a ir assim pelos caminhos na plena paz da habitação modesta: olha! nos ramos de abrocham ninhos e a alegria do azul se manifesta!

Pará, Belém.

GUILLERME DE MOURA

Marmores

(Versão de Francisca Julia da Silva)

Ao fechar a derradeira pagina dos *Marmores*, sinto-me num estado d'alma, bem difficil de definir. Como si fosse arrebatado a um estranho paiz de fœrias, onde, sob a de diffusão mil luzes, extaziasse o olhar na contemplação de magestosas estatuas, dessas outras-primas que arrancam dos que as olham não chuvas de palmas e flores, mas a muda admiração absurvente que se apossa dos espiritos deante do infinito e do bello...

Como são formosos os *Marmores*! E outro não podia ser realmente o titulo deste formoso livro, tão bem modelado e florentinamente cizelado: livro que nos traz a suggestiva reminiscencia do ideal pagão da Grecia antiga e algo da esplendida alvorada da Renascença—mixto duma corte artistica de Pericles e dessa febre do bello que immortalizou a Italia no pontificado de S. Leão X.

Mas não é só sob o ponto de vista esthetico que eu admiro a jovem poetisa dos *Marmores*; não; nos seus versos correctos, impecaveis, como os do lapidario Heredia, ressumbra, através da frieza classica, alguma coisa da psychose dos nossos dias...

Ser *paraniano*, ás vezes, é cousa até bem triste, quando não se possui o buril do artista verdadeiro... Envolver a idéa na gase tenuissima da estrophe; conceber um assumpto e saber dizê-lo — eis o grau legrado que, entre nós, aprenderam Bilac, Raymundo Corrêa, Alberto d'Oliveira, e ca no extremo norte Antonio Salles, Martins Junior e João de Deus do Rego.

Eu não sou idôlatra da forma, não sou: porém que esta encerre uma idéa, e que nesta idéa se possa estudar uma individualidade, as cousas affectivas e sensacionais do cerebro que as enganhou ou produziu: daí talvez a minha prevenção com certos *paranianos*, cujos trabalhos, tão acurados, lembram formosas oleographias sem vida, e que parecem repetir a todos os que as contem—nós somos simplesmente cópias...

Isto porém não succede com os versos da lapidaria dos *Marmores*, de que é um exemplo este magnifico soneto:

—NO BAILÉ—

Flores, dançacoas... e um narau de gulas.
Tudo reluz, tudo esplandece e brilha:
Riquissimos bordados d'encumilha.
Enredem toda a nupcial sala.

Moças, moças levantam-se: a quadrilha
Rompe: um mare perfume o ar frescal;
E Flora, a um canto, enrola na mantilha,
Espera que o marquez venha tirá-la...

Finda a quadrilha, rompe a valsa ingleza.
E ella não quer dançar? ella, o marquez
Flora, a menina nua formosa e rica!

E elle não vem! Espuanto finda a valsa.
Ella, triste, a sombar calva e descalça
As finissimas luras de pellica!

Ha neste soneto a mais fiel observa-

ção: e ao cima senhora seria capaz de architecta-a.

Ha no livro sonetos bellissimos—*Egypto, Argonautas*: e duas poesias magistraes.—*Prere, e De joelhos*—que são dignas da assignatura de Paul Verlaine—o grandioso poeta do—*Amour*.

A auctora dos *Marmores*, *paraniana* como se manifesta em todas as outras produções do seu livro, não nestas duas aborda o decadismo, como n'outra afirma João Ribeiro,—no esplendido prefacio.

Concordo com o provecto mestre, que nenhum dos symbolistas, decadistas ou nephelobatos do Brazil, haja produzido melhores versos musicos que aquelles dous.

Cruz e Souza e outros, ultimamente, no Rio Janeiro, têm-se constituido os arautos do decadismo: mas em quasi todos esses moços—exceptuando H. Lopes, Affonso Guimarães e Emilio de Menezes—reina a mais completa cegueira litteraria, e a mais bem acabada vocação artistica para... para copiarem servilmente as noções de Portugal e de França.

Eis o motivo porque os *Marmores* devem ser recebidos com ovacões sinceras, com todas as considerações merecidas, porque todos as produções deste livro, patenteiam-se com muito sentimento artistico e a psychologia toda de uma individualidade muito original e characteristicamente superior—Francisca Julia da Silva—que todo o paiz proclama como a nossa melhor poetisa Ceará—Agosto—1895.

ANATOLIO GERVAS.

Mãe e filho

Rosa, á tardinha sentada
Da casinha no batente,
Contempla saudosa a estrada
Com olhar triste, dolente.

A creatura adorada,
Ha tantos annos ausente,
Espera resignada,
Tão santa, tão paciente!

Ao lado brinca o filhinho,
Que depois em desalinho
Vom a ella em meigo afan...

Fitando-a, chega juntinho
E lhe pergunta baixinho:
—Voeê tá triste, mamã?

JOSE CARVALHO.
Ceará—1895.

O normalista

IV.

Maria do Carmo sentiu que estava grávida, mas não se amollou muito com isso. Pensava pouco no Zuza e já não o encontrava na Escola Normal, que frequentou até ser expulsa, como se lê a pag. 240:

«O director, um dia maltratou-a. Ao chegar viu desenhada na pedra

d'aula a gta, uma obsecundado. E eu furioso, disse muitas grosserias e rugarigan o quiz saber quem era a autora de semelhante indecencia.»
«Silêncio profundo, ninguém se atrevia a responder.»

«—Tenham a bondade de dizer quem fez isto! repetiu o director, e, de relance viu na ultima fila, um dedo que apontava para Maria do Carmo.»

«—Ah! foi a senhora D. Maria do Carmo?»

«Maria empallidoeceu.»

«Eu não senhor!»

«—Tenha a bondade, faça favor de vir apagar isto.»

«Mas não fui eu, senhor director, tornou ella erguendo-se.»

«—Embora, venha sempre: a senhora paga pelas outras.»

«—Não senhor, não posso responder por uma falta que não commetti.»

«—Não vem?»

«—Não senhor...»

«Toda a aula voltada para Maria do Carmo, medindo-a de alto a baixo si como vissem n'ella um transfiguração extraordinaria.»

«—Então a senhora não vem? repetiu o homem fazendo uma carranca medonha.»

«—Não senhor...»

«—Retire-se d'aula! fez elle apontando a porta. A senhora é uma insubordinada, desobedeceu a primeira autoridade d'este estabelecimento. Vamos, retire-se.»

Por este facto avalia-se o grau de degradação a que havia chegado a Escola Normal no livro do Sr. Caminha, e que passou sem um protesto do director, que todos nós sabemos, ainda vive e ainda é professor de pedagogia n'aquelle estabelecimento.

Erma meninas as adolescentes as alumnas d'essa escola, mas que tinham tanta moralidade e costumes semelhantes aos dos garotos que punham a carvão figuras obscenas nos muros dos sitios pouco frequentados. Mais desengadas do que esses vadios eram ellas que sustentavam a sua impudencia deixando publicamente o padrão da immoralidade! No futuro que mãs de familia, que preceptoras!

Maria do Carmo soffria resignada em casa do padrinho os incommodos da gravidez.

João da Matta continuava na mesma vida de perdido, indo a repartição para fazer jus aos vencimentos e embriagando-se diariamente.

A amasia do amanuense não deixava o seu negocio de *rendas* para o Para e continuava a dormir só na larga cama de jacaranda.

A gravidez de Maria não era mais um segredo para D. Theresinha.

Os signaes da concepção augmentavam cada dia, e era preciso, para evitar escandalo, arranjar um sitio onde a normalista fosse ter creanças.

João da Matta via crescer o fructo de seu amor sem affeição nem piedade. A grávida desde a noite do desforramento não tinha merecido d'elle um instante de compaixão. Entretanto, quando não estava bebido cogitava em levá-la para fora, mais temeroso de algum escandalo da ama

siã do que cioso da reputação de Maria.

O mestre Cosme, um retirante que elle havia soccorrido como commissariada secca, veio tirá-lo d'esse embaraço. Para a companhia d'elle levava a normalista.

A casa de mestre Cosme era para as bandas da Aldeota, cerca de um kilometro da cidade, dentro do largo cercado de pau a pique, entre brenhos de matapasto e camapús, diz o Sr. Caminha à pag. 262.

Uma breinha de matapasto e camapús! Pobres sub-arbustos annuos, rachiticos e enfesados, vegetando miseravelmente no esteril areal da Aldeota tivessem também uma apothese no livro do Sr. Caminha. E quando seus congêneres nos terrenos ricos de humus e de argila morrem no fim do inverno, tuas frondes, semelhantes as frondes das mangueiras da praia do Patrãozinho, vivazes e perennies se elevam, se cruzam formando uma breinha, onde ha dez annos durará a festa o mestre Cosme...

Foi a essa casinha, occulta, n'essa breinha, que João da Matta levou Maria em um domingo depois da missa de madrugada.

Cosme era um pobre lenhador, que vivia da carginha de lenha que furtava nas matas do Cocó e levava a vender na capital em sua jumentia *Carujá*, uma jumentia fidalga que usava freio em vez do cabresto que usam todas as outras. Era casado com uma mulher estéril, Tia Joaquina, uma velha que vendia cafés doces e só comia angulos especiaes pescados no alto mar.

João da Matta já se tinha apalavrado com Cosme e para lhe captar mais a benevolencia deram-lhe uma moeda de nickel de duzentos réis, como nos diz o Sr. Caminha.

Muito bem recebidos foram do casal o amannense e a afilhada.

Maria foi alojada no melhor quarto da casa. A vida ali era outra, longe de D. Theresinha e de João da Matta.

«Sentia-se melhor respirando aquelle ar, bebendo toda a selvagem frescura do campo, todo o delicioso e ineffavel perfume que se levantava dos crotons e das salsas bravas,» lê-se à pag. 267.

Não foram somente os matapastos e camapús que tiveram apotheses no livro do Sr. Caminha.

Ignorante da sciencia de Linneu e Jussieu, desconhecendo a botanica descriptiva, encontra nas areias da Fortaleza plantas do genero *Croton*, vegetando espontaneamente e de perfume tão subtil, quanto delicioso e ineffavel?

Não tenho conhecimento de vegetal algum d'aquelle genero com perfume delicioso e ineffavel! Todos, brasileiros ou exóticos tem cheiro mais ou menos desagradavel. Contudo quiz informá-me de isso e fui ter a Aldeota.

Não encontrei plantas do genero *croton*, é verdade, mas da mesma familia, o pau-de-purga (*Jatropha gossypifolia*, L.) e a mamoneira, *Ricinus communis*, L. Quem conhece essas plantas pode muito bem avisar a descobida do Sr. Caminha, o seu erro de

observação, qualificando o cheiro d'ellas de delicioso e ineffavel!

Se o perfume da carrapateira é ineffavel, é delicioso, o que será o dos manacas?

O Sr. Caminha procure ler a Monographia das Euphorbiaceas de Ad. Jussieu e se convencerá de que esses vegetaes de que falla no seu livro fedem e não cheiram.

A familia das Euphorbiaceas compõe-se dos generos: *Euphorbia*, *Mecynaria*, *Jatropha*, *Mimihot*, *Ricinus* e *Croton*.

Todos esses generos animados ou indigénios tem representantes no Ceará, menos o *Croton* da Aldeota. No seu verteo o Sr. Caminha havia de ter conhecido uma planta chamada *belline* e que o povo emprega no tratamento da syphilis, sobre tudo das ulceras rebeldes, para bem, esse vegetal é o *Croton campestris*. (St-Hiel) e que como os individuos do mesmo genero não primam pela suavidade do aroma.

Esses perfumes acres e desagradaveis a todo olphato sano, agradaram a ditadora de Maria como subis essências, como o hirsutismo do padrinho. As matas da Aldeota, baixas capoteiras de plantas rachiticas, incluíam a alma da normalista de contentamento, mas do que se a sua vista se expandisse pelas florestas do sertão.

Pela manhã o mestre Cosme, o pobre lenhador que vivia dos dez tostões por dia de sua carginha de lenha, que tirava na sua enferrada jumentia, como se lê a pag. 233, saltava no quintal e mungia a mae nella viera para Maria beber o mais gostoso leite.

E nem o Sr. Caminha se lembrou que a fortuna de mestre Cosme era tão parva, e sua condição tão reles, que o amannense para lhe captar a benevolencia deram-lhe a somma de duzentos réis, e que mais adiante o autor da *Normalista* precisaria que o lenhador tivesse vacas para dar leite à sua heroína!

A noite, quando nas casinhas da vizinhança soluçava a viola, a legendaria viola cearense, Maria do Carmo ouvia mestre Cosme que do seu *escolao* tirava accordes tão mavisos que faziam seiximar cortada do sandalho de um paiz remoto e abençoado.

Nunca mãos de serapilham tiraram da mae afinada lyra melodias mais suaves do que os dedos callosos do lenhador.

A normalista passava uma vida regada: ar puro, bom leite, perfumes de salsa brava, pulga de purga e carrapateira, passagens brommadas das dunas, angulos do alto mar, e a noite, por cumulo do febreidade torrenial, os accordes do violão do mestre Cosme a despertar-lhe n'adina as lembranças de um paiz abençoado!

A sua falta lembrada agora, pelos movimentos do tecto uma vez por outra, em nada a inquietava. Havia de nascer o filho quando fosse tempo dizia com seus botões com o desbragamento de um crismoso procecto

O PASSADO

(A MEUS PAES)

O Passado! eis o Campo-Santo bondo
Nosso espirito vae, de vez em quando,
Bojar a cinza fria em que se esconde
A illusão que nos vai abandonando.

Aquillo que fugio, que não responde
Ao nosso appello anciado e miserando;
Toda a lembrança que a distancia esconde
E que nos deixa o coração chorando...

Sonho... miragem... paraiso incerto...
Tempo do nosso religioso culto...
Archa de Noé da ultima illusão...

Amo-te o velho, adora-te a creança,
Pois és o bem que nunca mais se alcança
És a imagem mais fiel do coração!
1884.

LOPES FILHO.

(Das —Procellas—)

Bibliographia

Revista da Faculdade Livre de Direito
do Estado de Minas, A. 1. S. 2.

No principio deste anno accusavamos em satisfação o primeiro numero desta excellente revista e já nos fazia entristecer a demora dos seguintes. Dissiparam-se porem os nossos receios.

Acabamos de receber o 2º numero que não ficou aquém do 1º. Está cheio de bons artigos escriptos em geral com proficiência e elegancia que dá uma boa idea da maneira porque já em nosso paiz se cultivam as sciencias juridicas.

O Dr. Gonçalves Chaves discute a questão da intervenção da União nos negocios dos Estados e, depois de combater vantajosamente a opinião dos que levas dos de um excessivo zelo pela autonomia dos Estados, querem restringir a pouca e especialissima casos essa intervenção examina a qual dos poderes publicos ella compete concluin-do que essa attribuição não compete ao poder judiciario e é ao corpo legislativo que deve incumbir a iniciativa da intervenção, embora a sua execução seja encarregada o poder executivo.

Esta doutrina perfeitamente democratica acha-se exposta e desenvolvida com proficiencia e em estilo claro e elegante.

O Dr. Afonso Penna contrbuio para este numero com um trabalho juridico sobre a transcripção, parente e erudita cuja leitura sera grandemente proveitosa aos homens do foro, advogados e juizes.

O Dr. Thomaz Brandão publica o tres primeiros capitulos do seu trabalho sobre o casamento civil.

A tese constitucional da competencia do Presidente do Senado para a promulgação dos actos do Congresso e criteriosamente discutida pelo Dr. Theophilo Ribeiro.

O Dr. Raymundo Correa prosegue no seu erudito estudo sobre antichristas romanas, escripto com aquella dedicada penna que bem conhecemos e tanto apreciavamos.

Além de outros artigos de não pouca

no merecimento, publica este numero a Memoria historica da Faculdade pela qual se vê que a illustre instituição tem já attingido a um grau de prosperidade invejavel e permite fundar as mais auspiciosas esperanças sobre o seu futuro.

B. A.

A ***

Ohas-me? teu olhar, nesse momento,
Entre os olhares todos das mais bellas,
Não tem rival: compara-se ás estrellas
Scintillando no azul do firmamento.

Sorris? faz-me mais bem o teu sorriso
Tão seductor (e és tão formosa assim!)
Mais bem do que si eu visse para mim
Intencionalmente o paralisio.

Fálas? tua voz harmoniosa e pura
É mais sonora que o trinar de uma ave:
Entra-me n'alma languida e suave,
Suave e branda e cheia de doçura...

ANTONIO DE CASTRO.
Ceará 1895.

Padaria Espiritual

Quem conhece as difficuldades com que ainda se luta n'este paiz para dar a publicidade um livro, pôde avaliar quanto é audaciosa o commettimento, que se propoz a *Padaria Espiritual*, de editar tantas obras em tão curto espaço de tempo.

Accresce, que tares difficuldades sobem de ponto e muito fora da Capital Federal, porque o Brazil republicano, posto que administrativo e economicamente descentralisado, ainda nao se descentralisou intellectualmente, nem conseguiu essa descentralisação tao cedo.

Pensa-se, sente-se, respira o espirito nacional, enfim, unicamente pelos orgaos que ainda tem para essas funcções na antiga corte; ali reside o *sensuismo* e o cerebro commum; d'ahi divergem para os diferentes Estados todos os fluidos luminosos da incitação glorificante; para ali convergem dos diferentes Estados, como para um mesmo foco, todos os raios refractos da gloria anhelada. Taes Estados, a semelhante respeito, não passam de pobres e de pluraveis provincias, sem autonomia, sem independencia, na vida propria: o meio social é nelles o mais deprimido possivel para as letras e para as artes, que ali não encontram incentivos de especie alguma; o jornalismo é uma profissao ingrata e desdenhada pela *gente seria*, cujos proventos, além de minguado, tem um ligeiro ar de ganhos illicitos, deose que ipsoas tolere a negligencia indigena: bellas vocações que desabrocham promettedoras, estolam e morrem logo; a cabeça acima do nivel geral, bem pode escapar a que lhe'a cortem, mas não escapará pelo menos a um certo descredito official. Se ha excepções a essa regra, no restrito numero dellas não se conti infelizmente ainda o Estado do Ceará visto de genios, entretanto, leryo afor-

tunado dos Alencar, dos Araripe e dos Pompeu. Seus grandes filhos—altaneiros aguias—tiveram de desferir o vôo e fazer-se no largo da terra natal: fora de lá é que adquiriram reputação.

E' o que tem succedido a Araripe Junior, a Capistrano de Abreu, a Clóvis Beviláqua, a Moura Brazil, a Alvaro de Oliveira, a R. Lopes e a tantos outros para os quaes o horizonte de seus verdes mares bravios é por demais estreito. Rocha Lima tao prematuramente roubado as letras patrias, seria hoje um nome quasi inteiramente desconhecido, se um distincto e piedoso amigo não houvesse levado a effeito a idéa de reunir-lhe os escriptos em volume para divulgá-los por fora largamente, e a mocidade estudiosa das academias do Recife e de S. Paulo foi que lhe soube fazer condigna apatheose. E isto so, para não falar senão do Ceará, porque em quasi todos os outros Estados da Uniao as condições do ambiente artistico e litterario não são mais propicias do que alli a vitalidade e a livre expansao das vocações d'essa ordem.

No Maranhão, por exemplo, mal temiam vegetado, obscuros e molinos, Joaquim Serra e Theophilo Dias, de sandasas memorias, Coelho Netto, Arthur e Aluizio Azevedo, se si não tivessem feito a vela para longe, sendo que este sahio quasi apedrejado como Santo Estevão, por causa do *Maluco*, celebre romance realista com que o auctor foi bulir, como em casa de na ribondos, n'uma toca de padres e beatas, provocando uma sarabanda descomposta e macabra de lobas e manilhas.

Ora, confessemos que editar livros na provincia, e mormente livros de litteratura, que não têm cotação no mercado local, é o que se pôde chamar verdadeiramente uma empreza de loucos. Por parte dos moços da *Padaria Espiritual*, que se ebalançam a tanto, é preciso de certo essa ra a coragem, que só uma forte fé era capaz de sustentar, um nobre desinteresse e ao mesmo tempo uma grande confiança no futuro, que só o encorajão da propria moridade seria capaz de nutrir. O caso é que a *Padaria Espiritual* já começou a desempenhar a promessa feita, publicando as *Tierras do Norte*, cento e cincoenta e tantas paginas de esplendidos versos de Antonio Salles; e, como todo o prometido é devido, os outros livros annunciados não se farão esperar muito.

(Continua)

RAYMUNDO CORREIA

Imprensa Litteraria

A JARDIM, n.º 1. — Sob a direcção do Sr. Joaquim C. Fontenelle e redacção dos Srs. Joaquim Carneiro, Otávio Mendes e Otávio Nogueira acaba de apparecer nossa capital esta sympathica revista da classe estudiantil. O primeiro n.º que recebemos está varrido e interessante, o que muito faz esperar o futuro dos dignos estu-

dantes que de hoje se mostram tão encorajados na fulgurante mais espinhosa vida jornalística.

Agadecendo a visita da distincta collega auguramos-lhe um longo triumpho da imprensa.

—REVISTA BRAZILEIRA fasciculo 13.

Mas um bom numero da importante publicação fluminense dirigida por José Verissimo temos sobre a banca do trabalho. O seu summario compõe um riquissimo esboço de vibrante prosa e inspiradas poesias meditas do notavel poeta mineiro, Claudio Manoel da Costa. *A Arte e a critica*, artigo de C. Parlagreco é um enternoso e bem lançado estudo digno da maior attenção.

—DOX QUIVORE, n.º 21.—Dia a dia vai o Angelo Agostini conquistando os mais merecidos applausos com o successo extraordinario alcançado por cada numero do seu esplendido jornal. O presente n.º é mais um eloquentemente attestado da victoria que o lapis do Agostini alcançou entre os artistas brasileiros. O supplemento que acompanha este n.º traz o retrato do melyto Marechal Floriano Peixoto—um trabalho perfectissimo e de uma nitidez primorosa. Da mesma força são as criticas onde o fino espirito do insigne artista faisea por todas as quinhentas paginas de entrecarturas. O texto como sempre variado e bom.

—REVISTA ILUSTRADA, ns. 689 e 690.

—O Pereira Netto é, incontestavelmente, um nobre discipulo do Angelo Agostini e um digno successor do grande mestre nas caricaturas da *Revista Illustrada*. Que o digam os ns. que temos presentes. O primeiro se occupa quasi que exclusivamente da morte do Marechal Floriano, estampando na pagina do centro um primoroso retrato do grande morto, queima *Revista* render a mais justa homenagem, e o segundo occupa-se de varios assumptos de critica e traz na primeira pagina o retrato de D. Josina Peixoto, viuva do melyto Marechal. E' esplendido o quadro representando o Sr. Prudente de Moraes indocido ante a paciencia do sul.

Não são menos felizes as criticas feitas a subida do combo e as conferencias dos Generaes Galvão e Silva Tavares. Quanto ao texto damos uma amostra aqui ao leitor transcrevendo este humoristico soneto do Ruyauldo Correa:

MUYA LINDALVA

O Barão, ante a falta panna cohesa,
Dizendo o regente e tanto almoco,
Fita os copos exanticos e o destroço
Dos acruppes bons, postos a mesa.

Os dentes palitando, a Baroneza
Limpa o suor da face e do pescoço;
Mancha a toalha, e n' o freto d'ella um
[grossa]

Pingo amarello de manteiga ingleza

Pousam sobre a farrucha os pães, as
[rosas]

E o assucareiro, destampado, as mos
[casas]

Queda a esquerda a crenda muda e
[branca]

Da dez horas o cachaço, o sol abate;
E do mal de Noéto sidra, alta

Ronca o Barão e a Baroneza ronca.

—A **RENASÇENÇA**, n. 32.—Esta sympathica e bem dirigida revista batina na continuação sempre em progresso e cada n. que apparece é mais uma victoria dos seus dignos redactores. Cada vez mais interessante e bem feita.

—A **ILUSTRAÇÃO**, ns. 9 e 10.—Bem atrahente vac-se tornando esta publicação pernambucana sob a direcção Sr. Augustus Aristhou. Os dois ns. presentes trazem retratos do dr. Almeida Marrocos e José do Vasconcellos antigo fundador do *Jornal do Recife*, ha pouco fallecido.

O texto é bem feito e variado.

—A **MEDRUGADA**, anno 2 e serie II. Acusamos o recebimento de 2 numeros desta publicação portugueza sob a direcção do Sr. Oscar Leal, correspondentes nos mezes de Maio e Junho.

Bem impressa e variada, traz bons desenhos de Pastor e collaboração de escriptores portuguezes e brazileiros.

—A **VERDADE**, n. 5.—Temos presente mais um n. da *Verdade* que se publica na Capital Federal sob a direcção do Sr. Aleixo Costa.

Enfeixa, além de outras produções, um bom soneto de G. Nicoll e uma magnifica chronica de Jesus.

—O **ALPHA**, n. 6.—Sempre variada e interessante o jornalzinho dos estudantes de preparatorios do Rio.

—O **CENACULO**, fasciculo 3.—Uma excellente publicação esta que acaba de surgir em Curitiba, capital do Paraná.

On. que temos a vista traz o retrato do Dr. Justiniano de Mello, bons artigos e bonitos versos, de entre os quaes destacamos o primoroso soneto *Mãe*, de Leoncio Correia.

—**SINCS**, n. 6 e 7.—Bem escriptos estes dois numeros da novel revista bahiana, organo do *Gremio Evolução*.

—**MELENAS**, n. 7 Um magnifico summary traz este n. da bella revista rio-grandense. São dignos de menção os primorosos versos *Expolio de um bohemio*, de Caldas Junior e *Vernal*, de Sergio de Oliveira, além de bons trechos do Elzeu Montarroyos e outros muitos. É pena que o distincto collega não seja impresso em melhor papel.

—**REVISTA CONTEMPORANEA**, n. 12. Boa prosa e bons versos nos offerece este n. desta revista pernambucana. Clovis Bevilacqua continua com o seu bello estudo sobre o *Fim do seculo* e Demosthenes de Olinda publica um bonito soneto.

—**IRACEMA**, n. 1. Como os ns. anteriores, esta revista do Centro Literario esta variada e interessante.

—A **EPOCH**, ns. 2 e 3.—O primeiro numero desta sympathica collega paratiense traz a primeira pagina dedicada de luto em homenagem ao mlyto Marechal Floriano e moveu bem louçados artigos scientificos e litterarios devidos a penna de Th. Ribas e outros. O segundo, com um bom summary, em nada é inferior ao primeiro.

A todos os collegas *O Pão* agradece a fineza da visita.

S. B.

CARTEIRA

Dr. JOSE LINO

Este nosso estimavel amigo, que aos seus creditos de clinico conceituado reune os de talentoso jornalista acaba de abandonar as lides da imprensa, eliminando-se da redacção do *Diario da Tarde*.

É um primor de estylo a sua carta de despedida, mas preferiamos que elle não a houvesse escripto e continuasse a prestarão *Diario* o concurso da sua delicada e criteriosa penna.

Como, porém, a coisa e sem remedio, limitamo-nos a envia-lhe o nosso adeus e continuamos a nossa jornada por esta via-dolorosa da imprensa.

WALDEMIR CAVACANTE

Como uma compensação a noticia snpra, temos que registrar a entrada do Waldemiro para redacção do *Jornal da Tarde*.

Os laços da intima camaradagem que nos prendem ao Waldemiro quasi que nos tornam suspeitos para tarmos da sua individualidade jornalística; mas sempre diremos que a sua entrada para o *Jornal da Tarde* significa um notavel augmento de sympathia e popularidade para esta folha.

Muito moço ainda, é contudo o Waldemiro um nome feito na imprensa para a qual o impelle uma destas vocações que são o traço profundo e indildivel de um temperamento nascido fatalmente para as luctas da palavra e das ideas.

Abraçando jubilosamente ao novo redactor do *Jornal da Tarde* com a previa certeza de a sua posição sera uma colheita optima de brilhantes triumphos.

Os parabens que dirigimos ao Waldemiro são extensivos ao nosso infatigavel camarada Sabino Baptista, que na qualidade de gerente do *Jornal da Tarde* vai prestar a esta folha os valiosos servicos da sua extraordinaria actividade, a que deve *O Pão* a maior parte dos seus successos.

VAGAS

Sabino Baptista trabalha activamente no seu novo livro de versos que terá o titulo acima.

A *Synphonia de abertura*, que logo publicamos, pennu em bella synthese os sentimentos predominantes do livro e as paginas são outras tantas vagas deste mar da Vida, ora revolto, bonançoso as vezes.

FALLIMENTOS

A torturante e dolorosa sucumbencia das duas esta capital o distincto cavacante Jose Cavacante Goyna, enluado do nosso prezado confrade Francisco Valle, ao qual apresentamos nossas condolencias.

A ESMOLTA MOYA

Dous bons espectaculo realismo no theatro S. Luiz este distincto illusionista.

Os seus trabalhos sã em geral d-

uma perfeição que nada deixa a desejar, revelando grande vocação e longa pratica.

Justos applausos e boas anchenas tem o publico proporcionado ao Sr. Moya, no qual felicitamos.

RODOLPHO THEOPHILO

Regressou ha dias do seu paradisiaco Alto da Bonança este nosso prosadissimo consocio.

Instalado no seu risonho casolito da estrada do Benfica, tem elle recebido as visitas dos seus amigos que andavam bem saudosos da sua convivencia tão prodiga de captivantes finezas.

Logo depois de sua chegada entregou Rodolpho Theophilo aos Srs. Cunha Ferro & Ca. os originaes do seu romance *Os Brilhantes*, do qual já reviu as primeiras provas.

MAIR DOUR

Devido ás contingencias da lucta pela vida, viu-se a nossa associação sensivelmente desfalcada de obreiros durante um certo espaço de tempo, por terem-se ausentado da capital muitos d'elles.

Felizmente esta se operando um movimento em sentido contrario. Agora mesmo acabam de chegar de Quixeromobim o Paulo Giordano e o Lopo de Mendosa as duas creaturas mais dessemelhantes que se pode imaginar.

O primeiro é medio, sahguineo, herculeo e pesa 86 kilos; o segundo é esbelto, pequenito pallido, e pesa 40 kilos.

Como porém a nossa affecção não se compadece com a desproporção materi l que ha entre elles ringimos a ambos um mesmo abraço de boa vinda ao gremio do nosso gremio.

AS NOSSAS SESSÕES

Duas sessões realizou a Padaria nesta quinzena—a primeira em casa de Antonio Nalles e a segunda em casa de Rodolpho Theophilo.

Letam-se numerosos trabalhos em prosa e verso e cartas de litteratos de diversos Estados.

Foram exhibidos os autographos de dois livros de versos *Procellus* de Lopes Filho, e *Telegias* de Rodolpho Theophilo.

Ambos os amphitricos foram admiraveis de a habilidade para com seus convivas dos quaes fazia parte, na ultima festa, o distincto illusionista e fino cavalheiro D. Enrique Moya, que entre applausos executou bonitas sortes.

UM MIMO

O nosso jovem conferraneo Theodorino de Oliveira, residente na Capital Federal, acaba de mimosear-nos com a offerta de um supplemento illustrado do *O Contemporaneo* contendo magnificos retratos dos principaes membros do partido republicano federal, um exemplar do eloquentissimo discurso de Paula Ney sobre a morte do marechal Floriano Peixoto, e uma formosa e inspirada poesia de Azevedo Cruz sobre o mesmo assumpto.

Somos muito grates ao delicado brinde.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILLAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos da Casa approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exacerbações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescências.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatisino, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alveão e conservação os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80 — Rua do Major Facundo 80, Centro.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DENTE ESTADO

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suíços etc. etc. **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lanternas** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & Co

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54,

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continua a affirmar a sua ja reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europea produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52 — Rua do Major Facundo — 52

Typ. «STUART» Rua Formosa n. 40.